

Puericultura: “cultivando” cidadãos mais aptos

Luciana Costa Lima Thomaz

Resumo

O objetivo do presente artigo é analisar a formulação e a prática da chamada puericultura, dentro do contexto das ideias eugênicas desenvolvidas na França, entre finais do século XIX e meados do século seguinte. Atravessando uma fase de depopulação, nesse período, somada ao alastramento das chamadas “pragas sociais” (tuberculose, doenças venéreas e alcoolismo), que levariam a uma “degradação biológica”, o governo francês estabeleceu uma série de medidas, conhecidas em conjunto como “higiene social”. Esse é o contexto no qual Adolphe Pinard (1844-1934) aprimorou a área de estudos dedicada aos cuidados materno-infantis, a puericultura (“cultivo das crianças”), com o objetivo de estimular o crescimento populacional, tanto em termos quantitativos, quanto qualitativos.

Palavras-chave

Saúde Pública; França; Séculos XIX e XX; Higiene Social; Eugenia; Puericultura

Puericulture: “cultivating” fitter citizens

Abstract

The aim of the present paper is to examine the formulation and practice of puericulture, within the context of eugenic ideas developed in France between the late 19th century and the middle of the next century. Through a phase of depopulation during this period, coupled with the spread of so-called social plagues (tuberculosis, venereal diseases, and alcoholism), which would lead to a “biological degradation”, the French government took a series of measures, known collectively as “social hygiene”. This is the context in which Adolphe Pinard (1844-1934) improved the studies devoted to maternal health care, child care (“cultivation of children”), with the aim of encouraging repopulation in quantitative and qualitative terms.

Keywords

Public health; France; 19th and 20th centuries; Social hygiene; Eugenics; Puericulture

França em finais do século XIX: degeneração vs. regeneração

A partir da década de 1850, a França passou a sofrer do temor da de-população. Esse fenômeno se iniciou com as perdas populacionais causadas por epidemias de cólera (1832-1854) e pela guerra de Criméia (1853-1856); o aumento do número de mortos em detrimento da taxa de nascidos vivos tornou-se um foco de preocupação no meio científico e também no meio político.¹ Nesse período, os dados estatísticos vitais passaram a ser entendidos como um modo de mensuração do poderio político e do progresso econômico da nação,² posto que o decréscimo na população representaria o enfraquecimento do governo imperial de Napoleão III (1808-1873).

Segundo Paul Broca (1824-1880), fundador da *Société d'Anthropologie de Paris*, o declínio da população jovem francesa não seria apenas quantitativo, mas também qualitativo. Através de um estudo apresentado à *Académie Nationale de Médecine*, em 1867, intitulado *Sur la Prétendue Dégénérescence de la Population Française*, demonstrou, por meio de tabelas construídas pelo *Statistique Général de la France*, que além do número de jovens recrutados pelo exército ser cada vez menor, a estrutura corporal dos recrutas era franzina, em geral, obrigando o exército a diminuir os parâmetros de estatura exigidos. Isto é, a maioria dos jovens não alcançava a altura mínima exigida para o recrutamento. Broca considerava que, sendo esses jovens de constituição fraca eram os mais saudáveis para lutar pelo país, aqueles vetados pelo exército, de constituição ainda mais pobre, em tempos de guerra estariam disponíveis para casamentos, gerando filhos tão pequenos quanto eles. “E como a altura é uma característica que se transmite hereditariamente, a consequência desse fato será o inevitável aumento, nas gerações seguintes, do número de homens pequenos”³.

Os fatores mais frequentemente apontados como as causas desse fenômeno de “degeneração da população jovem” eram os males trazidos pela modernidade, tais como o crescimento desenfreado da população urbana, sem condições de infraestrutura que pudessem abarcar a leva de migrantes provenientes do meio rural. O governo francês iniciou, assim, campanhas contra as chamadas “pragas sociais” (a tuberculose, o alcoolismo e as doenças venéreas),⁴ cuja etiologia também apontava, em última análise, para a urbanização caótica.⁵

¹ William H. Schneider, *Quality and Quantity: The Quest for Biological Regeneration in Twentieth-century France* (Cambridge: Cambridge University Press, 2002), 14-7.

² Sobre o desenvolvimento da estatística moderna como ferramenta da eugenia, vide Silvia Waisse, “MBE: Medicina Baseada em... Eugenia?,” in *Eugenia e História: Ciência, Educação e Regionalidades*, org. André Mota; Maria G.S.M.C. Marinho (São Paulo: USP, Faculdade de Medicina, 2013), 17-33.

³ Paul Broca, *Sur la Prétendue Dégénérescence* (Paris: Impremérie de E. Martinet, 1867), 5.

⁴ Schneider, *Quality and Quantity*, 15.

⁵ Até a primeira metade do século XIX, Paris experimentou um crescimento urbano desordenado, levando ao reordenamento da estrutura urbana, realizado por Georges-Eugène Haussmann (1809-1891), a fim de organizar a massa populacional que se amontoava em moradias inapropriadas, favorecendo a proliferação de doenças. O surto de cólera em meados desse século demonstrou a urgência dessa intervenção

A preocupação com a qualidade da saúde dos indivíduos ao nascer era igualmente marcante. Assim, consideravam-se que eram necessárias medidas para aumentar o número de nascidos vivos no país e melhorar as condições de saúde das crianças tendo em vista a sua procriação futura. Em síntese, o objetivo era que “mais e melhores” crianças francesas atingissem a vida adulta.

Eugenia e a busca pelo homem “bem nascido”

Na concepção de Francis Galton (1822-1911), a eugenia era a ciência que lidava com todas as influências capazes de melhorar as qualidades inatas de uma determinada raça a fim de desenvolvê-la ao máximo.⁶ Segundo seu colega Karl Pearson (1837-1936), os efeitos das medidas de higiene e de melhora do meio não eram transmissíveis geneticamente. Além disso, a saúde pública e os avanços contemporâneos na medicina desviavam o caminho da seleção natural, na medida em que conservavam aqueles que deveriam ser eliminados naturalmente, fazendo-os sobreviver. Destarte, era necessário reverter esse cenário, valorizando os melhores indivíduos estimulando sua procriação.⁷

A eugenia foi recebida, na França, de maneira distinta daquela praticada na Inglaterra, o seu país de origem, vindo a ser classificada como “eugenia positiva”.⁸ As medidas chamadas de “negativas”, isto é, visando a redução dos indivíduos considerados inaptos (reprodução seletiva, esterilização, etc.), advogadas por eugenistas ingleses, não eram, em geral, aceitas pela comunidade científica francesa.⁹ Entretanto, alguns dos mais influentes cientistas franceses pregariam, no início do século XX, a intervenção através da “seleção humana” para aprimoramento da dotação hereditária das futuras gerações.¹⁰

urbanística. Sobre as reformas realizadas por Haussmann, vide: Nicholas Papayanis, *Planning Paris Before Haussmann* (Baltimore: JHU Press, 2004).

⁶ Francis Galton, “Eugenics: Its Definition, Scope and Aims”, *The American Journal of Sociology* 10, no. 1 (jul. 1904): 1-25.

⁷ Waisse, 25.

⁸ Eugenia positiva, refere-se ao estímulo ao aumento da população com traços hereditários desejáveis; o objetivo da eugenia negativa, ao contrário, era estimular a diminuição da população com traços hereditários indesejáveis; vide Diane B. Paul, & James Moore, “The Darwinian Context: Evolution and Inheritance,” in *The Oxford Handbook of the History of Eugenics*, ed. Alison Bashford, & Phillipa Levine (New York: Oxford University Press, 2010) 27-42.

⁹ Richard S. Fogarty, & Michael A. Osborne, “Eugenics in France,” in *The Oxford Handbook of the History of Eugenics*, ed. Alison Bashford & Phillipa Levine (New York: Oxford University Press, 2010), 332-46.

¹⁰ Charles Richet (1850-1935), ganhador do Prêmio Nobel de Fisiologia, em 1913, por sua pesquisa sobre as reações anafiláticas, publicou, no mesmo ano, um programa eugênico na obra *La Sélection Humaine* (Paris: Librairie Félix Alcan, 1919). Outro Prêmio Nobel (Fisiologia, 1912) francês, Alexis Carrel (1873-1944), foi reconhecidamente o propagador de ideias de eugenia negativa na França. Em sua obra, *L'Homme Cet Inconnu*, de 1935 pregava a ênfase na reprodução de uma elite física e intelectual superior uma vez que “não é possível suprimir as crianças de má qualidade com a facilidade com que se destroem, numa

A origem dessa diferença na prática eugenista francesa é frequentemente explicada pela influência de ideias lamarckistas, de acordo com as quais as mudanças ambientais são o fator mais impactante na transmissão de caracteres adquiridos durante a vida.¹¹

Desde finais do século XIX, houve um movimento pró-natalista, na França, incluindo uma associação própria, preocupada com a depopulação. Em 1896, Jacques Bertillon (1851-1922) foi o responsável pelo grupo denominado *Alliance Nationale Contre la Dépopulation*, sendo também o coordenador do grupo de cientistas participantes do primeiro congresso de eugenia em Londres, em 1912. Nesse aspecto, mais uma vez o movimento eugênico francês diferenciava-se do anglo-saxão, pois os ingleses visavam o controle sistemático da natalidade.¹²

Puericultura e suas raízes: Alfred Caron

O higienismo na França, desde o primeiro terço do século XIX, configurou-se como propulsor da formulação de um campo de estudos sobre o cuidado infantil e perinatal. O combate à mortalidade infantil e à temida depopulação atingiram níveis extremos de intervenção estatal na saúde dos cidadãos em 1874, quando uma lei foi votada na Assembleia Nacional, segundo a qual, todas as crianças com menos de dois anos de idade, criadas fora do domicílio de seus pais, deveriam permanecer sob vigilância das autoridades públicas, sob o pretexto de “proteger suas vidas”, com subsídios financeiros do Estado.¹³ A intervenção estatal parecia estar ampliando seu escopo para muito próximo da esfera das liberdades individuais.

Nesse contexto, em 1858, num artigo lido aos colegas da *Société de Médecine Pratique de Paris*, o médico Alfred-Charles Caron introduziu o termo *puericultura* para nomear o conjunto de medidas a serem tomadas do ponto de vista moral e higiênico nos cuidados infantis.¹⁴

De acordo com Victor Wallich (1863-1925), do Departamento de Ginecologia e Obstetrícia da Faculdade de Medicina de Paris, Caron não obteve o devido reconhecimento, posto que o único exemplar de seu livro *La Puericulture ou la science*

ninhada de cães, os defeituosos”. Os indivíduos de pior qualidade não deveriam se reproduzir e esse deveria ser, num futuro ideal, um ato voluntário; *L’Homme Cet Inconnu* (Paris: Plon, 1935), 359-371.

¹¹ Schneider, *Quantity and Quality*, 55.

¹² William Schneider, “Towards the Improvement of the Human Race: The History of Eugenics in France”, *The Journal of Modern History*, 54, no. 2 (jun, 1982): 268-91.

¹³ Olivier Faure, *Les Français et leur médecine au XIXe siècle* (Paris: Belin, 1993), 247.

¹⁴ Apud, Schneider, *Quantity and Quality*, 63. O termo, a principio, não foi bem recebido pela comunidade médica, que preferia adotar outros como “infanticultura”, “nepogenia” ou “antropogenia”; vide: Madeleine Foisil, “Un journal d’hygiène et de santé: le Journal de Jean Héroard, médecin de Louis XIII,” in *Scéance du 26 janvier 1991 de la Société Française de la Histoire de la Médecine*, 172.

d'élever hygieniquement et physiologiquement les enfants (1866), permanecia com as páginas por cortar na biblioteca da faculdade. Entretanto, Caron, apesar da resistência à aceitação ao termo que cunhou e a fraca aprovação por parte dos colegas, conseguiu realizar, na faculdade de medicina, seu curso de cuidados de higiene e saúde para jovens grávidas na faculdade de medicina.¹⁵

Em uma obra anterior à citada, publicada em 1865, *“Introduction à la puériculture et l'hygiène de la première enfance”*, Caron defendeu a importância das medidas de cuidado preventivo perinatal e ao longo da infância:

“Definitivamente, a qualificação da puericultura [como ciência] nos permite abarcar, de maneira mais ampla, todos os períodos anatômicos e fisiológicos do nosso desenvolvimento orgânico. Ela explica, melhor do que qualquer outro conjunto de conhecimentos, a aplicação metódica e fundamentada mais eficaz para proceder ao livre e fácil desenvolvimento de nossa espécie. [...] A puericultura é para a saúde das crianças, aquilo que a agricultura é para a fertilidade do solo.”¹⁶

Na introdução de *“Des causes de la dépopulation en France et des moyens d'y remédier”*, Caron discorre sobre a importância da prevenção do alcoolismo e das doenças venéreas, transmitidas mais frequentemente através dos jovens do sexo masculino, que futuramente se tornariam pais, abrindo assim a possibilidade de toda uma geração de crianças doentes. A maneira de se evitar tal situação seria a moralização e o emprego precoce desses jovens.¹⁷ Já as meninas, futuras genitoras, deveriam receber ensinamentos acerca de cuidados de higiene, para que se tornassem mães capazes de prevenir o aumento do número de natimortos e de crianças doentes pois. O motivo era, segundo Caron, que número de mulheres “constitucionalmente preparadas” para as “obrigações conjugais era excepcionalmente baixo”¹⁸. Essas jovens aplicavam medidas higiênicas de prevenção de doenças e, em função do maior risco de abortamento apresentado por elas, seriam como “fabricantes de anjos”. No entanto, adverte:

“[...] seria fácil iniciá-las progressivamente, e de acordo com a sua idade e o seu desenvolvimento intelectual, nas questões mais importantes da *puéricultura*, apresentar-lhes esses estudos, de maneira a inspirá-las aos

¹⁵ Victor Wallich, “Au propos de l'histoire de la puériculture,” *Annales de gynécologie et d'obstétrique* 2, no. 3 (1906): 19-23, em 20.

¹⁶ Alfred Caron, *Introduction à la puériculture et l'hygiène de la première enfance*. (Paris: Impremérie Duboisson & Co, 1865), 14.

¹⁷ Alfred Caron, *Des causes de la dépopulation en France et des moyens d'y remédier* (Lyon: Imprimerie d' Aimé Vingtrinier, 1873) 5-10.

¹⁸ *Ibid.*, 12.

mais sublimes ímpetos e fazê-las encarar a fonte mais verdadeira de todas as felicidades femininas.”¹⁹

Com essa finalidade, Caron publicou um manual prático, em 1859, intitulado *Le Code des Jeunes Mères: Traité Théorique et Pratique pour L'Éducation Physique de Nouveaux-Nés*.²⁰

O termo criado por Caron, no entanto, somente adquiriria notoriedade e respeito a partir dos trabalhos do chefe da cadeira de obstetrícia da Faculdade de Medicina de Paris, Adolphe Pinard (1844-1934), no início do século XX.

O desenvolvimento da puericultura nas mãos de Pinard

Adolphe Pinard iniciou seus trabalhos na Clínica Baudelocque em Paris, em 1889 e lá permaneceu por 25 anos. Étienne Tarnier (1828-1897), mentor intelectual de Pinard, havia introduzido as técnicas de assepsia de parto de Ignaz Semmelweis (1818-1865),²¹ como maneira de prevenir a febre puerperal, que foi a principal causa de mortes perinatais durante todo o século XIX.²² Seguindo seus predecessores e implementando técnicas de parto, como a sinfisiotomia e a cesariana, Pinard conseguiu reduzir para 0,5% a mortalidade neonatal em 1897.²³

A notoriedade de Pinard extrapolou o meio médico acadêmico, fazendo com que seu nome fosse reconhecido também nas esferas políticas. O cargo que ocuparia junto à Câmara de Deputados, no período entre guerras, permitiu-lhe expandir a experiência que havia adquirido durante seus anos de pesquisa para o território francês inteiro.²⁴

Do ponto de vista teórico, Pinard entendia que a hereditariedade era transmitida ao modo lamarckista, ou seja, que caracteres adquiridos eram transmitidos à descendência. Desse modo, as crianças estariam sujeitas a todo tipo de influências

¹⁹ Ibid; o grifo é de Caron.

²⁰ Segundo Ana L. Godinho-Lima, os manuais de higiene e moral para educação infantil não foram inventados por higienistas, mas já existiam desde o século XVI orientando a educação e os costumes; vide Godinho-Lima, “Maternidade Higiênica: Natureza e Ciência nos Manuais de Puericultura Publicados no Brasil,” *História: Questões e Debate*, 47 (2007): 95-122.

²¹ Semmelweis propôs, em 1847, em Viena, a realização de procedimentos de assepsia antes da realização dos partos (como, por exemplo, a lavagem das mãos), reduzindo, assim, o índice de infecção puerperal; vide Kay Codell Carter, & Barbara R. Carter, *Childbed Fever: A Scientific Biography of Ignaz Semmelweis* (Santa Barbara: ABC-Clio, 1994).

²² Schneider, *Quality and Quantity*, 64.

²³ A taxa de mortalidade infantil era de 15% no início do século XIX; *ibid.*, 65.

²⁴ Anteriormente, em 1902, Pinard assumiu um outro cargo político na Comissão de De-população do Senado, para o qual preparou, juntamente com Charles Richet um relatório na Subcomissão de Mortalidade Infantil; *ibid.*, 102.

ambientais através dos seus pais.²⁵ Pais alcoólatras, por exemplo, teriam maior probabilidade de gerarem filhos doentes. Esse foi, portanto, o arcabouço de Pinard para a aplicação de seu programa de “puericultura anterior à gestação”, destinado a preparar, ponto de vista biológico, os jovens de ambos os sexos para uma procriação saudável, capaz de gerar uma boa prole.²⁶

Nesse sentido, Pinard advogava em favor da formulação de leis pré-matrimoniais, que exigiriam exames médicos dos futuros cônjuges, a fim de garantir a saúde deles no momento da concepção. Em particular, os jovens pais e mães deveriam estar livres de doenças transmissíveis, como as venéreas e a tuberculose, em especial. Além disso, os pretendentes deveriam ter um comportamento moral adequado, estando afastados do consumo de álcool e de outras drogas, tanto quanto possível.²⁷ Assim, o projeto de lei que Pinard apresentou à Câmara dos Deputados, em 1926, prescrevia: “Todo cidadão do sexo masculino²⁸ francês que desejar casar-se pela primeira ou pela segunda vez, somente poderá se apresentar ao cartório de registros civis se tiver um certificado médico datado do dia anterior, declarando não ter contraído doenças contagiosas”²⁹.

Convém observar que a exigência de realização de exames pré-nupciais é considerada, pelos estudiosos, como um dos limites de demarcação entre as chamadas eugenia “positiva” e “negativa”. O motivo é que, embora o objetivo explícito dessas leis fosse a prevenção de doenças infecciosas, poderiam ser, também, usadas para evitar a procriação dos indivíduos considerados inaptos.³⁰ Essa hipótese é confirmada por uma série de artigos publicados no periódico *Eugénique*, na década de 1920, citando os exemplos da legislação de outras nações como os EUA, países escandinavos, e a URSS, que estabeleciam a obrigatoriedade dos exames pré-nupciais. Esses exemplos figuravam como uma possibilidade a ser pensada para a melhora biológica da nação francesa.³¹

²⁵ Ibid., 83.

²⁶ Ibid, 83.

²⁷ Ibid, 75.

²⁸ Pinard acreditava que as mulheres eram “impregnadas pela semente do homem” e, por isso, só os homens precisariam realizar os exames; vide *ibid.*, 159.

²⁹ Apud *ibid.*, 155. Esse projeto seria rejeitado pela Câmara. A lei exigindo a realização de exames pré-matrimoniais, na França, foi estabelecida, apenas, no governo de Vichy, em 1942, sendo revogada em 2008.

³⁰ Schneider, “Towards the Improvement”, 283.

³¹ Schneider, *Quality and Quantity*, 151.

Pinard e a eugenia negativa

O cenário da eugenia francesa, como já mencionado, era diferente daquele apresentado por outras nações, pois se acreditava que as mudanças no ambiente resultariam numa população mais saudável, sendo que essas mudanças positivas poderiam ser transmitidas à descendência. Sendo assim, não seriam necessárias medidas de eliminação dos inaptos ou inadequados, para melhorar o material hereditário da população.

Em consonância com essa visão, a puericultura de Pinard preconizava uniões conjugais saudáveis, repouso e cuidados na gestação, higiene nos procedimentos intraparto, cuidados com a limpeza e com a amamentação para os recém-nascidos, como medidas de produzir de uma nova geração mais forte.³²

Todavia, havia também no discurso de Pinard elementos típicos da literatura eugênica inglesa e norte-americana. Analogias com os procedimentos utilizados em produção animal, incluindo a seleção dos melhores indivíduos para procriação, resultando numa descendência mais forte, podem ser identificadas nas obras de Pinard, como, por exemplo, em *A la jeunesse: Pour l'avenir de la race française*:

“[...] sabemos que os agricultores provam, experimentalmente, a existência e o poder desta lei orgânica, chamada de hereditariedade. Para manterem e melhorarem as raças, devem escolher os reprodutores de ambos os sexos mais desenvolvidos, mais saudáveis, mais fortes, mais bonitos, e os produtos desses animais escolhidos e selecionados apresentarão, em quase todos os casos, as qualidades de seus pais. Apenas alguns deles apresentam semelhanças com os ascendentes mais longínquos. Esses casos demonstram o chamado retorno à herança primitiva, atávica ou ancestral. Devo dizer que esse fato também é observado em seres humanos há milhares de anos [...]”³³

Pode-se, facilmente, identificar, aqui, as ideias e trabalhos desenvolvidos por Galton, assim como o conceito de “regressão à média” elaborado por ele e vigente até a atualidade, no campo da bioestatística e das ciências sociais.³⁴ Pinard questiona a seguir: “[...] Por que essa certeza [em relação ao] resultado com os animais? Por que a

³² Ibid., 75.

³³ Adolphe Pinard, *A la jeunesse pour l'avenir de la race française* (Paris: LPV, 1925), 4.

³⁴ Sobre o conceito de “regressão à média”, vide Francis Galton, “Family Likeness in Stature,” *Proceedings of Royal Society* 40 (1886): 50-53; e Karl Pearson, & Alice Lee, “On the Laws of Inheritance,” *Biometrika* 2 (nov, 1903): 361-2.

incerteza com os homens? Por que a tranquilidade do criador de animais? Por que a inquietude do puericultor?”³⁵ Para responder, imediatamente:

“[...] Porque o criador de animais sabe que seus reprodutores, dos dois sexos, não serão expostos e não se exporão a qualquer perigo que possa atingir os [...] elementos ancestrais de onde derivam as gerações futuras. Ele sabe que o capital hereditário será conservado maximamente intacto e [mesmo] e às vezes, até poderá aprimorar a hereditariedade individual.”³⁶

O discurso de Pinard, apesar da incongruência com o que se esperaria de um partidário da eugenia dita “positiva” ou “higienista”, reflete o complexo cenário apresentado pela eugenia francesa, no qual, advogados da eugenia dita “negativa”, como Charles Richet e Alexis Carrel, conviviam pacificamente com os higienistas. De fato, a *Société Française d’Eugénisme* agrupava aqueles cientistas que acreditavam que as medidas de higiene requeriam muito tempo para produzir resultados palpáveis e, dessa forma, a restrição à reprodução dos indivíduos doentes ou com taras, talvez, fosse o caminho mais rápido e seguro para evitar futuras gerações de degenerados.

Considerações finais

A França atravessava um processo contínuo de depopulação a partir da década de 1850, em virtude de uma sucessão de acontecimentos catastróficos, como a epidemia de cólera de 1854 e as guerras de Criméia (1853-1856) e Franco-Prussiana (1870-1871). Durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), a França foi o país europeu com mais baixas, agravando ainda mais esse panorama.

Concomitantemente, na Faculdade de Medicina de Paris, o obstetra Adolphe Pinard empenhava-se em desenvolver uma área especial de cuidados, a puericultura, cujo objetivo primeiro era desenvolver medidas para evitar a redução da mortalidade perinatal e durante a primeira infância. O escopo da puericultura, no entanto, não se limitava ao cuidado dos recém-nascidos, mas incluía também leis pré-nupciais, o acompanhamento da gestação, do parto e do puerpério, além do estímulo ao aleitamento materno. A puericultura fez parte do esquema de higiene social do governo francês para aumentar e melhorar a saúde de sua população, ou seja, apresentava fortes características eugênicas. Pinard preocupava-se com o “porvir da

³⁵ Pinard, *Ala jeunesse*, 4.

³⁶ *Ibid.*, 5.

raça francesa” e os estudos sobre a hereditariedade forneceram o substrato teórico para esse projeto.

O estudo da obra de Pinard evidencia a heterogeneidade existente no panorama francês, tal como refletido, por exemplo, pela *Société Française d'Eugénisme*, na qual diversas orientações e compreensões do modo de se fazer eugenia comungavam para livrar a população do declínio biológico.

A eugenia francesa, assim como a variante preconizada inicialmente por Galton, tinha por base o objetivo de melhorar o material biológico hereditário dos seres humanos. Cidadãos mais saudáveis, mais fortes, capazes de defender sua nação, dos pontos de vista militar e intelectual, foi o desejo de todas as gerações de cientistas que praticaram a eugenia. No mundo inteiro.